

ASPECTOS INOVADORES NO ESTUDO DA ORTOÉPIA E DA
ORTOGRAFIA NA *GRAMÁTICA FILOSÓFICA* (1822) DE
JERÔNIMO SOARES BARBOSA

INNOVATIVE ASPECTS ABOUT THE ORTHOEPY AND SPELLING
STUDIES IN *GRAMÁTICA FILOSÓFICA* (1822) BY
JERÔNIMO SOARES BARBOSA

Daniele Felizola de Oliveira
Fundação Casa de Rui Barbosa
dnifeliz@gmail.com

RESUMO:

Neste artigo apresentam-se as inovações da descrição gramatical de Jerônimo Soares Barbosa em sua obra *Gramática filosófica* (1822), no que se refere ao estudo da ortoépia e da ortografia, cujo objetivo é mostrar o vanguardismo do autor em relação ao estudo da língua. A descrição de Soares Barbosa nos revela à época aspectos importantes a serem observados no estudo da língua, como percebermos as diferenças entre língua falada e língua escrita, assim como estarmos atentos às diferenças presentes em seu uso, provenientes de aspectos socioculturais, que caracterizam a variação linguística. Os aspectos, então, assinalados foram observados a partir da perspectiva da Historiografia Linguística.

PALAVRAS-CHAVE: gramática, descrição, inovação, século XIX.

ABSTRACT:

This article presents the innovations of the grammatical description of Jerônimo Soares Barbosa in his work *Gramática Filosófica* (1822), in what concerns the study of orthoepy and orthography, whose objective is to show the avant-gardism of the author in relation to the study of language. Soares Barbosa's description reveals to us important aspects to be observed in the study of language, how to perceive the differences between spoken and written language, as well as being attentive to the differences present in its use, coming from sociocultural aspects, which characterize the variation linguistics. The aspects, then, pointed out were observed from the perspective of Linguistic Historiography.

KEYWORDS: grammar, description, innovation, XIXth century.

Introdução

Este artigo assinala o caráter precursor de Jerônimo Soares Barbosa no estudo da ortoépia e da ortografia em sua obra *Gramática filosofia* (1822) ao pôr em relevo, no século XIX, considerações relevantes no estudo da língua, que nos remetem a conceitos presentes nas recentes abordagens de estudo da língua.

Este é um trabalho historiográfico-descritivo, orientado pelos três princípios de ação de Sylvain Auroux (2009[1992]: 14): 1) definição puramente fenomenológica do objeto; 2) neutralidade epistemológica; e 3) historicismo moderado; e também pelos princípios metodológicos de Koerner (1996): 1) princípio de contextualização; 2) princípio de adequação; e 3) princípio de imanência. Desse modo, objetiva-se observar (de que modo se estruturam os saberes sobre a língua na gramática de Soares Barbosa, sob a égide do pensamento gramatical vigente e preponderante à época de produção do documento, a fim de analisar e compreender a prática científica da época com o papel de relatar esse contexto, ressaltando-se o valor da *Gramática Filosófica* em seu devir histórico.

Assim, destacam-se as observações de Soares Barbosa sobre os distintos falares da comunidade linguística portuguesa e as realidades de uso escrito e falado da língua, como a percepção do autor sobre as mudanças a que a língua está sujeita.

Segundo Soares Barbosa (1822, p. XXX), a gramática focada no compromisso de ensinar a ler e a formar os caracteres representativos dos sons e das palavras, desenvolve suas partes mais antigas, que são a ortoépia e a ortografia, as quais o autor considera partes essenciais e importantes ao estudo de qualquer língua, e das quais nenhum autor deveria prescindir na elaboração de suas gramáticas, e que, por essa razão, as elege como as primeiras partes a serem estudadas em sua obra.

Para Soares Barbosa,

Em hum um homem bem criado releva-se mais e he menos vergonhoso um erro de Syntaxe, que hum erro de pronunciação ou de Orthographie; porque aquelle pôde nascer da inadvertência; estes são sempre efeitos da má educação (BARBOSA, 1822, XIV).

Daí resulta a crítica que o autor faz às gramáticas que antecederam a sua obra, por não apresentarem essas duas partes em sua estrutura, que abordam conhecimentos importantes a um homem bem criado, e dos quais ele não pode prescindir. Desse modo, Soares Barbosa destaca a relevância do estudo da

ortoépia e da ortografia e do valor do estudo da gramática da língua nacional, em que se observa o valor social do domínio das normas e convenções no uso da língua.

A gramática de Soares Barbosa, em divergência com a obra oficial *Arte da grammatica da lingua portugueza (1770)* de Antônio José dos Reis Lobato, aborda as questões ortográficas da língua, pois Reis Lobato, embora considere e registre em sua obra o estudo da ortografia como uma das partes que constitui a gramática, não trata desse assunto em sua gramática:

“por quanto me conformo com o costume dos Grammaticos, que nas Artes nãotratão da Ortografia, sem embargo de ser huma das partes, de que consta a Grammatica, e isto sem dúvida pela razão de ser a Ortografia por si só materia bastante fazer hum Tratado separado” (LOBATO, 1770, p. XLVIII).

As reflexões sobre essas duas partes da gramática começam já na sua introdução, em que se destaca a observação feita pelo autor de como o termo prosódia vinha sendo empregado nas gramáticas que antecederam a *Gramática filosófica*, em que o autor assinala uma conceituação equivocada ou até mesmo displicente do termo prosódia naquelas gramáticas.

A Orthoepia, que he *emendata cum suavitate vocum explanatio*, comprehende não so o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como o corpo dos vocabulos; mas tambem o das modificações musicaes, de que os mesmos são susceptíveis, relativas ou ao canto e melodia, chamadas *Accentos*, ou ao compasso e *rhythm*o, nascidas da quantidade das *syllabas*. Esta parte musical da *Orthoepia* ou *Boa Pronunção* tem o nome de *Prosodia*, da qual a maior parte dos Grammaticos fizeram huma das quatro partes da Grammatica, ou não fazendo caso, e desdenhando ainda os primeiros principios da Boa Pronunção e Leitura, ou incluindo-os na mesma Prosodia (BARBOSA, 1822, p. IV-V).

Como já assinalado, Soares Barbosa observa que sua obra difere-se das dos demais autores ao expor e destacar a importância dos aspectos da ortografia e da ortoépia para o estudo da língua portuguesa. Assim, com base na análise da *Gramática Filosófica* (1822) e nos apontamentos de importantes estudiosos que se dedicaram ao seu estudo, apresentar-se-á a seguir o modo como esses aspectos são abordados nessa obra, destacando-se as inovações nas descrições de Soares Barbosa.

1. Estudo da ortoépia

Ao iniciar o texto gramatical, Soares Barbosa define ortoépia como a parte da gramática, “que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, próprios da Língua, para bem os pronunciar” (1822, p. 1). Adiante, no Livro I - *Da orthoepia, ou boa pronunciação da lingua portugueza*, que está dividido em oito capítulos, o autor apresenta um estudo bastante amplo e detalhado dos sons da língua portuguesa, que são descritos e definidos tanto sob a perspectiva de suas características articulatórias quanto acústicas.

Dessa forma, Soares Barbosa classifica os sons articulados da língua em fundamentais e acidentais. São considerados sons fundamentais, os sons vocálicos (*vozes*), os sons consonantais (*consonancias*), os ditongos e as sílabas, e sons acidentais, as modificações prosódicas que se acrescentam aos sons fundamentais, como a quantidade e os acentos.

Soares Barbosa assinala que ao todo a língua portuguesa possui 20 sons vocálicos e 21 sons consonantais, que são apresentados nos dois primeiros capítulos, e classificados a partir dos aspectos articulatórios de suas prolações.

Ao concluir o capítulo II, no qual trata dos sons consonantais, Soares Barbosa adverte: “Todas estas Consonancias Portuguezas são sons simples, quer se escrevão com huma letra so, quer com duas, quer com as letras dobradas dos Gregos e Romanos” (1822, p. 13).

Tal advertência assinala a percepção de Soares Barbosa dos dois usos da língua: escrito e falado, que nos remete às observações de Cagliari (1985, p. 94), que afirma que o autor, ao assumir que a existência de duas realidades distintas de uso da língua, aponta para o enriquecimento dos estudos linguísticos, pois descreve de modo mais pormenorizado aspectos da língua como prosódia, ritmo, entonação e tonicidade, possibilitando descrever a língua a partir de sua realidade oral.

No entanto, embora essa distinção somente tenha sido claramente apontada por Soares Barbosa ao término daquele capítulo, ela já era notória nas considerações do autor, quando, ao apresentar os sons vocálicos e consonantais, alerta que as letras que os representam são chamadas de vogais e consoantes, respectivamente, em que sinaliza que os pares de termos *vozes* e *consonancias* e *vogais* e *consoantes* referem-se às duas realidades da língua.

Outro ponto da gramática que merece atenção no que se refere ao posicionamento de Soares Barbosa em relação à língua falada é a crítica que o autor faz à nomenclatura utilizada para o ensino do alfabeto aos iniciantes:

A nomenclatura vulgar de muitas destas consonâncias como são *eMe, U, eFe, Gê, Cê, eSê, Xis, I, Ce, Hâgá, eNe, eNehagá, eLe Hagá, eRRe forte, eRRe brando*, de que se servem ordinariamente os Mestres para ensinarem aos principiantes o Abecedario da Lingua, e depois a Soletração e Syllabação, he de hum grande embaraço para seu aproveitamento. Elle dá a muitas letras hum valor e som, que ellas não tem; a outras accrescenta outros, que as mesmas não tem, e que não servem senão para embulhar e confundir-se o som próprio e verdadeiro (BARBOSA, 1822, p. 13).

Soares Barbosa, então, no intuito de facilitar o aprendizado dos estudantes, sugere:

Todas as Nações Civilizadas tem ja largado, ha muito, este methodo; e dando ás Consoantes o seu valor proprio e uniforme por meio do *Sheva*, que ajuntão a cada huma, deste modo: Be, Pe, Me, Ve, Fe, Gue, Que, De, Te, Se, Ze, Xe, Je, CHE, NHe, Ne, Le, LHe, Re, RRe; tem conseguido facilitar grandemente os methodos de soletrar, Syllabar, e da Leitura, em que os mininos gastão tanto tempo nas escholas com muito trabalho, e mui pouco fructo (BARBOSA, 1822, p. 13).

Nos capítulos seguintes, III e IV, o autor apresenta e descreve dezesseis ditongos na língua portuguesa e as sílabas, respectivamente.

No capítulo V, encontra-se o estudo dos metaplasmos, que, como assinala Soares Barbosa, são as alterações na pronúncia dos vocábulos, que, “ou accrescentando-lhes, diminuindo, e transpondo Syllabas para abbreviar, e facilitar mais a pronúncia dos vocabulos, sem lhes alterar a significação são as que propriamente pertencem à Orthoepia” (1822, p. 22), no que diferem das alterações morfológicas que resignificam os vocábulos e pertencem ao estudo da etimologia.

Nos capítulos VI e VII, o autor trata dos aspectos prosódicos da língua: a quantidade e os acentos, respectivamente. Em que se destaca a descrição da representação escrita dos acentos como linhas verticais: “O Signal, com que os Gregos, e Romanos notavão este Accento agudo, era huma pequena linha vertical lançada da direita para a esquerda sobre a vogal deste modo (´), como em *Chinó*” (1822, p. 40). E ao se referir ao acento agudo: “O seu signal era a mesma linha vertical, porém com direcção contraria á da aguda deste modo (´), como em *Chinò*” (1822, p. 40).

O acento circunflexo, que sinaliza a sucessão do levantamento e abaixamento do tom da voz sobre uma sílaba, tem como sua representação a junção das duas linhas verticais que servem para representar os acentos agudo e grave,

nessa ordem: (^), visto que o acento agudo representa a elevação do tom e o acento grave, o abaixamento. Sendo assim, “a sua figura he igualmente composta das duas linhas verticaes, que servem de nota ao Agudo e Grave, unidas em cima e abertas em baixo em fôrma de augulo agudo deste modo (^), como em *Mêu*” (BARBOSA, 1822, p. 40).

Os capítulos V, VI e VII exemplificam, portanto, a percepção e o esclarecimento do autor sobre as duas modalidades de uso da língua (oral e escrita), apontando as peculiaridades de cada uso.

No derradeiro capítulo VIII, Soares Barbosa apresenta os vícios da pronúncia e toma como parâmetro de sua análise o falar de Lisboa, a partir do qual marca as diferenças entre a língua falada no centro urbano, na capital, e a língua falada nas províncias:

Entre as differentes pronunciações, de que usa qualquer Nação nas suas differentes provincias, não se póde negar que a da Corte, e territorio, em que a mesma se acha, seja preferivel ás mais, e a que lhes deva servir de regra. Os Gregos, e Romanos assim o julgavão; aquelles a respeito de Athenas, e estes a respeito de Roma; e nós o devemos igualmente julgar a respeito de Lisboa, ha muitos annos Corte de nossos Reis, e centro politico de toda a Nação. O maior numero de gente, que habita nas Cortes; a variedade de talentos, estudos, e profissões; a multiplicidade de necessidades, que o luxo nellas introduz necessariamente; as negociações de toda a especie, que a dependencia do Throno a ellas traz; o seu maior commercio, policia, e civilidade: tudo isto requer hum circulo maior de ideas, de combinações, de raciocinios do que nas provincias, e por consequencia também hum maior numero de palavras, de expressões, e de discursos, cujo uso frequente e repetido emenda insensivelmente os defeitos, que são custosos ao orgão, e desagradaveis ao ouvido, e fixa os sons da Lingua, que a falta de uso e de tracto deixa incertos e inconstantes nas provincias, e lugares menos frequentados (BARBOSA, 1822, p. 50).

Segundo Coelho (2013, p. 170), nesse fragmento, Soares Barbosa – ao definir a língua falada na Corte como a variedade de prestígio, que deverá ser tomada como modelo para a descrição gramatical -, recorre ao argumento da autoridade, visto que a opção pela língua da sede do império como modelo justifica-se por ser a mesma medida adotada pelos gregos e romanos. E, para além desse argumento, Soares Barbosa assinala que a escolha pela língua da Corte se faz em razão desta variedade estar mais sujeita ao aprimoramento constante em razão do uso repetido, que se ajustam às demandas advindas de ser a sede do trono, o que não ocorre nas províncias, por ser menos intensa a circulação das informações de toda ordem:

O uso porêem da Corte não he o uso do Povo; mas sim o da gente mais civilizada e instruída. Entre aquelle grassão pronunciações não menos viciosas, que nas provincias; mas que os homens polidos estranhão. O que não succede nas das provincias, com que são criados aquelles mesmos que bem o são; e por isso não as emendão senão com o tracto da Corte, ou de pessoas, que falão tão bem como nella (BARBOSA, 1822, p. 50-51).

Dessa forma, portanto, Soares Barbosa assinala que para sanar os vícios da pronunção requer aos homens das provincias que estejam em contato com a língua da Corte de “gente mais civilizada e instruída”, pois como destacou Coelho (2013, p. 170), os parâmetros, segundo os quais o autor definiu a língua da Corte como norma, são extralinguísticos.

Embora a perspectiva de estudo da língua apresentada por Soares Barbosa não abandone um direcionamento normativo e elitista, como pudemos ver assinaladas em suas palavras pelo uso de termos como *defeitos desagradáveis* e *viciosas*, o autor inova ao pôr em evidência a diversidade de variedades linguísticas em uso que há na sociedade e, como veremos no estudo da ortografia, o autor avança nessa perspectiva ao tomar a língua oral como parâmetro de descrição, a fim de orientar um sistema de notação gráfico mais coerente à realidade da língua falada.

2. Estudo da ortografia

Nossas considerações sobre a ortografia iniciam-se com alguns apontamentos de Rolf Kemmler (2012) em seu artigo *A evolução das ideias ortográficas de Jerônimo Soares Barbosa: da Eschola Popular (1797) à Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza (1822)*, no qual o autor faz um estudo comparativo das ideias de Soares Barbosa sobre ortografia nas duas obras do autor citadas no título. Ressaltar-se-ão aqui os pontos que Kemmler destaca como as inovações de Soares Barbosa no estudo da ortografia e que estão presentes em sua *Gramática filosófica* (1822).

Segundo Kemmler, as primeiras reflexões de Soares Barbosa sobre a ortografia da língua portuguesa são encontradas em sua obra *Eschola popular das primeiras letras* (1797), em sua terceira parte intitulada *Da calligraphia, e orthographia, ou arte de escrever bem e certo a lingua portugueza*, que veio a público em 1797. Essa parte da obra está dividida em dois capítulos: *Da Calligraphia* e *Da Orthographia*. Este último, comum às duas obras, está subdividido em dois artigos: *Orthographia popular, ou da Pronunção* e *Da Pontuação*.

Com base nas considerações de Kemmler, observa-se que muitas reflexões apresentadas por Soares Barbosa na gramática já estavam presentes em sua obra *Eschola popular*:

Uma parte considerável do texto dedicado à ortografia no terceiro opúsculo da *Eschola popular* chegou a ser aproveitada pelo próprio gramático quando elaborou a *Grammatica philosophica*. Isto aplica-se, antes de mais nada, às considerações iniciais sobre a ortografia, nas quais o autor fornece a sua definição básica (KEMMLER, 2012, p. 314).

Dessa forma, destacam-se os seguintes aspectos: a divisão do capítulo *Da Orthographia*, no qual Soares Barbosa já contemplava a pontuação como uma das partes que compõe o estudo da ortografia, e as regras comuns aos três sistemas ortográficos, na gramática, que são as que constavam na ortografia popular ou da pronúncia na obra de 1797, enquanto que, “as regras aplicáveis aos sistemas etimológico e usual no segundo capítulo da gramática acadêmica não encontram qualquer reflexo na obra escolar de Barbosa” (KEMMLER, 2012, p. 305).

As regras apresentadas nos sistemas etimológico e usual são, portanto, inovadoras em sua *Gramática filosófica*, e, na concepção de Cagliari (1985, p. 93), a inovação de Soares Barbosa está essencialmente em sua obra se diferir das gramáticas de tradição normativa ao refletir sobre a língua oral, reconhecendo-a como distinta da língua escrita e como ponto de partida para a descrição da língua, como já mencionado no estudo da ortoépia.

Dessa forma, destaca Cagliari, a língua escrita constitui-se como um instrumento importante para o registro dessa linguagem, sobre a qual Soares Barbosa elabora “um tratado sucinto e perfeito sobre a natureza e usos da escrita, passando por um resumo sobre a sua história” (1985: 93), que o conduz à criação de uma ortografia da pronúncia, ratificando sua proposta de descrição, apresentada nas duas obras.

Destarte, Cagliari (1985) destaca que a inovação de Soares Barbosa, no que se refere ao estudo da ortografia, está em descrever a língua a partir de seu uso oral em contraste com a tradição, que privilegiava a língua escrita. Essa perspectiva parte em busca de valorizar aspectos da língua oral que se viam esquecidos na sistematização ortográfica das gramáticas que o antecederam. Sendo assim, ressalta Cagliari, que a descrição de Soares Barbosa busca evidenciar marcas de prosódia, ritmo e entonação, entre outras características que sinalizariam a variação sociolinguística.

Retomando as considerações comparativas de Kemmler (2012), o autor destaca que os termos *vozes* e *articulações*, utilizados na *Eschola popular*, são modificados por *vozes* e *consonancias* na gramática, na qual o autor apresenta a explicação abaixo, que respalda essa alteração.

Os Grammaticos modernos chamão *Articulações* a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca soão persi, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes, chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes; tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representam, se chamão *Consoantes* (BARBOSA, 1822, p. 7).

Essa citação, além de ser um esclarecimento sobre a diferença entre os termos *articulações* e *consonancias*, é também uma observação sobre a diferença entre os termos *vozes* e *vogais*, *consoantes* e *consonancias*, que trazem implicações tanto para o estudo da ortografia, quanto da ortoépia, como já mencionado. Essa distinção é retomada ao longo da gramática, quando o autor faz uma observação sobre a regularidade dos verbos: “Nunca se devem confundir as consonancias com as consoantes, isto he, os sons elementares das consoantes com as letras consoantes, que nossa Orthographia usual empregou para as exprimir na escriptura” (BARBOSA, 1822, p. 266).

Essa percepção, segundo Cagliari (1985), evidencia o caráter precursor de Soares Barbosa na notação do sistema ortográfico da língua portuguesa, que o conduz a fazer do abecedário da língua portuguesa um alfabeto de transcrição fonética, na ortografia da pronúncia.

Essa preocupação com a pronúncia, com o ensino da língua para estrangeiros, e com a ruptura com os sistemas ortográficos, tão profundo em JSB, seria o mesmo tipo de preocupação que levaria, um século depois, à fundação da Sociedade Internacional de Fonética (IPA) (CAGLIARI, 1985, p. 96).

Destaca-se, portanto, o posicionamento de vanguarda de Soares Barbosa, que, de acordo com Lopes (1989, p. 82-83), inova ao propor dois sistemas ortográficos: fonético e etimológico, nos quais, ao contrário das gramáticas tradicionais, considera como objeto de descrição a língua em suas diversas realizações: a dos “litteratos” e dos “illiteratos”, e assim incita as primeiras reflexões sociolinguísticas sobre a língua portuguesa.

No entanto, cabe observarmos que essa não é uma proposta inédita, pois, já “aparecera sem a menor repercussão, em 1746, no *Verdadeiro Método de Estudar*, do Pe. L. A. Verney” (LOPES, 1989, p. 83).

Desse modo, nota-se a opinião de Kemmler de que a maior inovação de Soares Barbosa, nos estudos ortográficos, está no conceito de ortografia usual, o qual define como um sistema misto, que oscila entre os dois sistemas ‘clássicos’, ortografia da pronúncia e ortografia etimológica, “chegando até a ser considerado o sistema ortográfico oficial do ensino público português, por virtude da Portaria de 1 de setembro de 1897” (KEMMLER, 2012, p. 304).¹

Atendo-se ao estudo da *Gramática filosófica* pode-se perceber que para Soares Barbosa o sistema de notação ortográfica é considerado arte e passível de uma representação unívoca entre sons e letras tal como as palavras são pronunciadas:

A Orthographia he a arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres Litteraes do Alphabeto Nacional, os sons, nem mais nem menos, de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, com que se ponúncião no uso vivo da Lingua: ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas Linguas mortas, donde o houvemos.

Assim o vocabulo *Ortografia*, escripto por este modo, representa ao justo os sons de sua pronúncião viva na Lingua Portuguesa. Porém escripto, como se vê ao principio, representa, não so os sons, que tem presentemente, mas também os que teve em outro tempo no uso vivo da Lingua Grega, donde o houvemos (BARBOSA, 1822, p. 56).

No entanto, essa é só uma das propostas assinaladas por Soares Barbosa que, como se observa nessa citação, por meio da ilustração da palavra ortografia, ora grafada *ortografia*, ora *orthographia*, admite um sistema de notação ortográfica, em que são adotadas letras não pronunciadas, em razão da origem etimológica dos vocábulos.

A primeira Orthographia chama-se da *pronúncião*; porque não emprega caracteres alguns ociosos e sem valor: mas tão somente os que correspondem aos sons vivos da Lingua. A segunda chama-se *Etymologica*, ou de *Dirivação*; porque

¹ “A aplicabilidade da referida portaria foi confirmada por portaria do Presidente do Conselho regenerador Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro (no governo de 1900-1904) em 1 de fevereiro de 1901” Kemmler (2102: 304). Segundo Fâvero e Molina (2006: 89), no século XIX a ortografia ainda não é normatizada, o que somente acontece em 1904 e 1907, em Portugal e no Brasil, respectivamente.

admitte letras, que presentemente não tem outro prestimo senão para mostrar a origem das palavras (BARBOSA, 1822, p. 56-57).

O capítulo destinado ao estudo da ortografia, segundo Couto (2012, p. 29), é o que mostra a postura mais radical do autor, que, ao propor a utilização da ortografia da pronúncia, deixa latente o distanciamento que há entre a teorização linguística e a prática, visto que, ao redigir sua obra, Soares Barbosa restringe a aplicação de seu uso apenas às seis páginas do estudo da ortografia, sem empregá-la ao longo dos demais capítulos. De acordo com Couto, essa foi, portanto, uma proposta que não teve consequência na prática da época e na própria obra de Soares Barbosa, apenas semeando reflexões para reformas futuras. “Entre estas duas Orthographias caminha a *usual*, assim chamada, porque não tem outra auctoridade se não a do uso presente e dominante” (BARBOSA, 1822, p. 57).

A ortografia da pronúncia é apresentada como o modelo mais fácil que pode dar segurança ao povo iletrado a fim de que ele não tenha que “largar a penna a qualquer palavra, que queira escrever, para consultar o vocabulario da Lingua” (BARBOSA, 1822, p. 57).

Porém a Orthographia da *Pronúncia* não he assim. Rectificada que seja esta; não tem elle mais do que distinguir os sons, quer simples, quer compostos, de que consta qualquer palavra, e figural-os com os caracteres proprios, que os Al-phabetos Nacionaes para isso lhe dão (BARBOSA, 1822, p. 57).

No entanto, destaca o autor que essa proposta não agrada muito aos letrados que não encontram dificuldades em utilizar tanto a ortografia etimológica quanto a usual, e esclarece: “Eu, para satisfazer a todos, porei primeiro as Regras communs a todas as Orthographias, e depois ás proprias a cada huma dellas. Quem quizer poderá escolher” (BARBOSA, 1822, p. 57-58).

É importante destacar que, em sua definição de ortografia, Soares Barbosa assinala que esse estudo não compreende só a descrição e análise dos modos de representação dos vocábulos, mas também a dos sinais de pontuação, que têm a atribuição de marcar as relações que as palavras assumem nas orações e o tom de voz:

Toda Orthographia tem duas partes. A primeira he a união bem ordenada das Letras de qualquer vocabulo, correspondentes aos sons, e á sua ordem na boa pronúncia do mesmo. A segunda he a separação dos mesmos vocabulos e orações na Escripura continuada, segundo a distincção, e subordinação das ideas

e sentidos, que exprimem. Aquella he objecto da Orthographia, tomada em hum sentido mais restricto; e esta he objecto da *Pontuação*. Do que tudo passo a tractar por esta mesma ordem (BARBOSA, 1822, p. 58).

Assim, para maior compreensão do estudo da ortografia apresentado por Soares Barbosa, expõem-se aqui em linhas gerais as regras dos sistemas ortográficos. No capítulo I do Livro II são apresentadas as regras comuns aos três sistemas ortográficos, que são doze e serão transcritas de forma resumida abaixo. Após apresentá-las, o autor expõe nos dois capítulos seguintes as particularidades de cada sistema e trata da ortografia etimológica e usual conjuntamente.

São, assim, descritas as regras comuns:

A regra I determina que, para se escrever palavras que são próprias, nativas da língua portuguesa, não devem ser adotados outros caracteres que não sejam os que o uso da Nação adotou para esse fim. Para contribuir para o conhecimento do leitor é apresentado em seguida o alfabeto adotado pela nação.

São cinco vogais orais: A, E, I, O, U; cinco vogais nasais: ã, ê, ã, õ, ã e 21 consoantes: B, C, D, F, G, M, T, V, S (com vogal diante), S, Z, (sem vogal diante) e X, J, CH, N, NH, R, RR. GU e QU exprimem os sons guturais antes E e I; Ç em lugar do S, e G no lugar de J antes E e I.

A regra II determina que não se deve dobrar letras em início e fim de palavras.

Com a regra III proíbe-se a inserção de letras que não estejam relacionadas à pronúncia e à etimologia das palavras.

A determinação de usar letras maiúsculas somente no início das palavras e nunca no meio vem explicitada na regra IV. Devendo-se usá-las apenas em nomes próprios, títulos de honra e de dignidade, nomes pátrios e gentílicos e em palavras que iniciam sentenças.

Na regra V, um sistema de notação diferenciado para a representação das 10 vogais orais é apresentado: usar-se-á apenas as cinco vogais A, E, I, O, U, porém, quando houver necessidade de fazer a distinção de acentos entre O e E abertos [é], [ó] e O e E fechados [e] e [o], e entre palavras homófonas: pára (verbo) para (preposição), o uso do acento será necessário.

Na regra VI é apresentada uma maneira para se distinguir as vozes ambíguas I e E e O e U, pois, quando esses sons vocálicos ocupam as sílabas pretônicas, para que se saiba de que forma a vogal deve ser grafada, será preciso, no caso dos verbos, resgatar o sistema flexional destas palavras, conjugando-as no tempo presente do indicativo e, para os nomes, será necessário resgatar sua

formação. Entretanto, na posição postônica, o que soar [i] deve ser representado com <e> e o que soar [u] deve ser representado com <o>.

A regra VII assinala duas possibilidades de marcar a nasalidade: emprega-se o acento til “~” ou usam-se as letras M ou N adiante das vogais, lembrando-se de que em posição final e antes de P, B e M só se deve grafar M e nos demais casos N.

Na regra VIII, a fim de eximir a dúvida entre como representar os sons [e] e [i] e [o] e [u] em ditongos, quando eles se encontram nas posições em que se neutralizam, estabelece-se que a representação dos 10 ditongos orais dar-se-á da seguinte maneira: para distinguir o primeiro par, defini-se o uso uniforme de *i*: ai, éi, ói, ôi, ui e, em relação ao par [o] e [u], defini-se que, quando o som ocorrer no meio ou início do vocábulo, será usado *u* e, quando no final, será usado *o*, com exceção dos pronomes, em que *eu* será escrito sempre com *u* e os possessivos, que podem tanto ser escritos com <o> *mêo*, *têo*, *sêo*, quanto com <u> em conformidade ao pronome “eu” ou em analogia aos adjetivos latinos em *us*: *mêu*, *têu*, *sêu*.

Por existirem inúmeras formas de grafar os seis ditongos nasais, na regra IX, estabelece-se um uso uniforme para a representação desses ditongos: o uso do til (˘) em cima dos ditongos. Nos ditongos em que os sons dos fonemas /e/ e /i/ e /o/ e /u/ tornam-se indistinguíveis, adotam-se o <e> e o <o> para representação, respectivamente.

A regra X explicita que as consoantes V, Z, J, X e as prolações CH, LH, NH, GU e QU não serão dobradas em nenhuma ortografia apresentada, exceto o R, que quando áspero e forte e empregado entre vogais será representado *rr*; como em *carro*.

Tem-se na regra XI as características comuns às três ortografias para a representação das consoantes guturais /k/ e /g/: <c> e <g> são empregadas antes de A, O, U e <gu> e <qu>, antes de E e I. Nessa regra há a recomendação do uso do trema para distinguir o *u* mudo do *u* pronunciado, som vocálico /u/. O mesmo acento gráfico recomenda-se sobre o /u/ sonoro quando em hiatos e ditongos. O trema recairá sobre a primeira vogal nos hiatos.

A regra XII dispõe sobre a divisão das palavras que como regra básica deverá ser feita por sílabas. Para que as sílabas não sejam partidas, as palavras separam-se entre vogais, entre vogais e consoantes ou entre consoantes, exceto quando há ditongo na sílaba que as vogais devem permanecer juntas.

No capítulo II *-Regras próprias da Orthographia Etymologica, e Usual*, Soares Barbosa estabelece uma regra única e geral:

Toda a palavra Portuguesa que for derivada ou da Lingua Grega, ou da Latina, deve conservar na escriptura os caracteres da sua origem, que se poderem representar pelos do nosso Alphabeto, e forem compatíveis com a nossa pronunção. Mas o uso faz nesta regra todas as excepções, que quer (BARBOSA, 1822, p. 68).

Observa-se nessa regra uma contradição, uma vez que, ao finalizá-la, Soares Barbosa acrescenta uma ressalva de que o uso é que define as regras no caso descrito. Tem-se, portanto, que Soares Barbosa não define regras claras para os sistemas etimológico e usual, prevalecendo-se as regras do uso.

Nos dois parágrafos seguintes, Soares Barbosa discorre sobre a aplicação da regra geral nas palavras de origem grega e latina, destinando um parágrafo para o estudo de cada uma delas. No parágrafo I, são descritas as situações em que os caracteres gregos (K, Y, TH, PH, RH, CH, PS) serão utilizados, e no parágrafo segundo, as situações em os caracteres latinos (H, X, C, Ç, G, S, e as letras dobradas) são utilizadas.

O Capítulo III - *Regras proprias da Orthographia da Pronunção* também se inicia com a apresentação de uma regra única geral e que é aplicada nos parágrafos seguintes, em relação às vogais e ditongos e às consoantes e sílabas.

Qualquer palavra, que se queira escrever, pronuncie-se primeiro bem, e distinguidos todos os sons, de que he composta, estes se escrevão pela mesma ordem com os caracteres, que lhes competem nos Abecedarios completos, e exactos, que ficão lançados nos Capitulos I. e II. da Orthoepia, e no Cap. I. Regra I. da Orthographia, e a palavra assim escripta ficará sem erro de Orthographia (BARBOSA, 1822, p. 77).

Essa é, portanto a regra geral única da ortografia da pronunção, que segundo o autor, é sem exceção e que se aplica a todos os sons da língua sejam eles simples (vocálicos e consonantais) ou compostos (ditongos e sílabas), o que é mostrado nos parágrafos seguintes, nos quais o autor a utiliza para explicá-la.

No que se refere aos sons vocálicos e aos ditongos orais e nasais, Soares Barbosa (1822, p. 77) destaca que não há diferenças na ortografia da pronunção, e que as regras que prevalecem para a grafia desses sons, nessa ortografia, são as regras comuns a todas as ortografias, já citadas nas regras V, VI, VII, VIII e IX, no capítulo I - *Das regras comuns a todas as ortografias*.

No parágrafo dois, Soares Barbosa trata da aplicação da regra geral às consoantes e sílabas portuguesas. Assim, o autor esclarece quais serão as representações adotadas em situações nas quais há a existência de mais de um caractere representativo de um mesmo som, e que por isso geram dúvidas

quanto a seus empregos. Esses caracteres são: G e GU; C e QU; SS, C e Ç; Z e S, quando intervocálicos; e J e G, e X e CH, em que cada grupo de letra representa um mesmo som na língua, e por isso, faz com que a pronúncia deixe de ser suficiente para orientar a escrita.

Assinalada essa dificuldade, Soares Barbosa (1822, p. 79) afirma que a escolha mais acertada é orientar-se pela pronúncia das palavras,

Pois que os caracteres não foram inventados se não para representarem os sons; e quando para cada um se destinou sua Letra propria, quem uza dela cumpre com o fim da escritura, e não deve ser taxado de imperito por não uzar para o mesmo som tambem de outras, que depois ou a ignorancia, ou o capricho acrescentarão (BARBOSA, 1822, p. 79-80).

Assim, Soares Barbosa discorre esclarecendo quais as letras desses grupos serão empregadas na ortografia da pronúncia, de forma que “não se empregará letra alguma, que não esteja no Alfabeto Nacional do uzo, qual é o que propuzemos assim Cap. I Reg. I” (BARBOSA, 1822, p. 83).

No último capítulo do Livro II, Soares Barbosa trata da pontuação, no qual apresenta os sinais e seus respectivos usos, os quais não dispensam o conhecimento das partes da oração, de sua sintaxe e construção, uma vez que esses sinais têm como atribuição marcar essas partes e suas relações na oração. Logo,

A Pontuação he a Arte de na escriptura distinguir com certas notas as diferentes partes, e membros da oração, e a subordinação de huns aos outros a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores, que deve fazer, e o tom e inflexão da voz, com que as deve pronunciar (BARBOSA, 1822, p. 85).

Os sinais de pontuação são, portanto, sinais indicativos de inflexão de voz que cumulativamente e simultaneamente marcam as relações entre as palavras na oração. Assim, Soares Barbosa divide o estudo da pontuação em dois parágrafos: I - *Das Regras Geraes, e Particulares da Pontuação* e II - *Dos mais Signaes da Pontuação*.

No primeiro parágrafo, Soares Barbosa trata dos seguintes sinais: espaços, ponto simples (.), ponto de interrogação (?), ponto de exclamação (!), vírgula (,), ponto e vírgula (;), dois pontos (:), e no segundo, dos seguintes: parênteses (), risca de união (-), apóstrofe (’), trema (¨), acento agudo (´), acento grave (`) e acento circunflexo (^).

Quanto ao uso dos acentos no português, Soares Barbosa ressalta que esses acentos não têm só a função prosódica de marcar o tom de elevação ou

abaixamento das sílabas, como faziam os gregos e romanos, mas servem para diferenciar na escrita nossos sons vocálicos, para os quais só dispomos de cinco letras que os representem. Assim, os acentos podem distinguir os sons vocálicos abertos dos sons vocálicos fechados.

Considerações finais

Neste estudo, observa-se, portanto, que Soares Barbosa ao elaborar sua gramática sob as bases da corrente racionalista, propõe um estudo reflexivo sobre a língua, no qual vemos despertar seu interesse pela língua falada, pois a língua como expressão do pensamento não é só representada pela língua escrita, mas também pela falada. No entanto, nos manuais de ensino daquela época, somente a escrita configurava-se como um modelo a ser seguido em todas as instâncias comunicativas.

Assim, a gramática, como manual de ensino, busca definir padrões de uso a partir dos textos literários e, nesse aspecto, Soares Barbosa inova ao registrar explicitamente a compreensão da existência de duas modalidades de uso da língua e também ao destacar as variedades linguísticas, quando define o falar de Lisboa como parâmetro para descrição da língua, colocando-a em oposição à língua do povo.

Ao propor três sistemas ortográficos, destaca-se a inovação do autor ao não restringir o conceito de ortografia ao escopo prescritivo e reinante nos Oitocentos (CAVALIERE, 2014, p. 71), e, assim, amplia a possibilidade de modos de grafar as palavras, com a ortografia da pronúnciação:

A Orthographia he a Arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres Litteraes do Alphabeto Nacional, os sons, nem mais nem menos, de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, com que se pronunçião no uso vivo da lingua: ou bem assim os que o mesmo vocábulo em outro tempo teve nas Linguas mortas, donde o houvemos (BARBOSA, 1822, p. 56).

Ao compreender que há diferentes saberes sobre a língua por parte da população, Soares Barbosa propõe a ortografia da pronúnciação justificada pela dificuldade de aprendizagem encontrada pelos não letrados: “Já se vê que as Orthographias, *Etymologica* e *Usual* estão muito fóra do alcance do Povo illitterato” (BARBOSA, 1822, p. 57).

Destaca-se neste trabalho, portanto, o caráter inovador da descrição gramatical de Soares Barbosa ao inserir considerações sobre a língua falada no texto

gramatical, não a deixando de fora de seu estudo, apontando a importância do conhecimento da boa pronúncia e dos processos fonéticos a que a língua está sujeita, que acarretam julgamentos sociais àqueles que destoam do falar da corte. Essa perspectiva social e valorativa que se faz da língua, quando assinalada por Soares Barbosa revela ampla capacidade de reflexão e sabedoria do autor, que mesmo sob a orientação do normativismo, abre espaço em sua obra para a discussão dessas diferenças.

Referências bibliográficas

- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Pucinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009a [1992].
- ASSUNÇÃO, Carlos da Costa. *Subsídios para o estudo das gramáticas filosóficas de Jerônimo Soares Barbosa (1737- 1816)*. Disponível em https://www.academia.edu/17187041/Subs%C3%ADdios_para_o_estudo_das_Gram%C3%A1ticas_Filos%C3%B3ficas_de_Jer%C3%B3nimo_Soares_Barbosa_1737-1816. Acesso em 12 Jan. 2017.
- BARBOSA, Jerônimo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A escrita na gramática de Jerônimo Soares Barbosa, In: Anais de Seminários do Gel, Grupo de Estudos Linguísticos (GEL), Bauru, São Paulo, 1985. p. 93-97.
- CASTELEIRO, João Malaca. *Jerônimo Soares Barbosa: um gramático racionalista do século XVIII*. In: Boletim de Filologia. Tomo XXVI -1980/81, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1981. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/26/boletim26_pag101_110.pdf. Acesso em: 20 dez. 2013.
- CAMARA, Joaquim Mattoso. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Dispersos de J. Mattoso Camara Jr.* Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.231-258.
- CAVALIERE, Ricardo. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.
- CAVALIERE, Ricardo Stavola. *Os estudos historiográficos de Antenor Nascentes*. In: Confluência, n. 32, 2º. Sem. 2006, Rio de Janeiro, p. 65-72.
- CAVALIERE, Ricardo Stavola. *Uma proposta de periodização dos estudos lingüísticos no Brasil*. In: Confluência. n. 23. 1º semestre de 2002, Rio de Janeiro, p. 102-120.

- COELHO, Sónia Catarina Gomes. *A Grammatica philosophica de Jeónimo Soares Barbosa: edição crítica estudo, e notas*. Vila Real, 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2013. Disponível em: https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2815/1/phd_scgcoelho.pdf. Acesso em 10 nov. 2014.
- COELHO, Sónia. *As idéias lingüísticas nos Prólogos das gramáticas de Pedro José Fonseca (1799) e Jerónimo Soares Barbosa (1822)*. In: XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, p. 168-181. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/26-textos-seleccionados/Coelho.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.
- COUTO, Manuel Amor. *Gramática e teorização linguística em Portugal: a Gramática Filosófica de Jerónimo Soares Barbosa*. Disponível em: <http://ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/2613/1/RGF-5-1-def.pdf>. Acesso em: 12 Maio 2015.
- FÁVERO, Leonor L.; MOLINA, Márcia A. G.. *As concepções lingüísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- FÁVERO, Leonor Lopes. A produção gramatical brasileira no século XIX: da gramática filosófica à gramática científica. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. (Org.). *Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000, p.181-191.
- KEMMLER, Rolf. A evolução das ideias ortográficas de Jerónimo Soares Barbosa: da *Eschola Popular* (1796) à *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa* (1822). In: COSTA, Maria Armada; FLORES, Cristina; ALEXANDRE, Nélia (Org.). *XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos Seleccionados, Lisboa 27, 28 e 29 de Outubro de 2011*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2012, p. 297-318. Disponível em: <http://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/2868/1/Kemmler%20-%202012k%20-%20A%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20das%20ideias%20ortogr%C3%A1ficas%20de%20JSB.pdf>. Acesso em 01 Jul. 2013.
- KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em historiografia linguística*. Revista da ANPOLL n. 2, 1996, p. 45-70.
- LOPES, Edward. Pressupostos teóricos e metodológicos da gramática filosófica de Jerónimo Soares Barbosa. In: *Estudos Gramaticais – Série Encontros*, Ano III – nº 1. Araraquara: UNESP, 1989, p. 66-86.
- LOPES, Edward. *Um protótipo de gramática gerativa portuguesa: a gramática de Soares Barbosa*. Revista Alfa, v. 30/31, São Paulo, 1986/1987, p. 37-53.

- OLIVEIRA, Daniele Felizola de. *O pensamento linguístico de Jerônimo Soares Barbosa e sua influência nas principais gramáticas brasileiras do século XIX*. 2015. 225 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- PENHA, João Alves Pereira. Soares Barbosa e os gramáticos do século XIX, In: IGNÁCIO, Sebastião Expedito (Org.) *Estudos Gramaticais*, Série Encontros, ano III, n.º 1, Araraquara: UNESP, 1989. p. 49-65.
- RANAURO, Hilma. *Para compreender uma gramática filosófica: uma análise crítica e comparativa da Grammatica philosophica da lingua portugueza de Jerônimo Soares Barbosa*. Niterói: Alternativa, 2015.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Tradição gramatical e gramática tradicional*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

Recebido em 14 de fevereiro de 2017.

Aceito em 18 de abril de 2017.